

## UMA COLCHA COM MUITOS RETALHOS: NOSSA EXPERIÊNCIA DE CAMPO

*Anne Rocha da Silva*<sup>1</sup>

Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB)

*Marileuda Fernandes do Nascimento Santos*<sup>2</sup>

Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB)

*Jussara Moreira*<sup>3</sup>

Universidade Estadual de Santa Cruz (UESC)

**Resumo:** Essa pesquisa tem por objetivo conhecer as memórias dos professores acerca do curso de pedagogia e a sua influência/ou/não dentro das suas práticas pedagógicas. Dentro desse propósito, o nosso objeto de estudo recaiu sobre as memórias dos egressos do curso de pedagogia. Sentido sobre o qual, as memórias, sempre no coletivo, guardam em si as experiências da vida cotidiana. Tal definição foi encontrada nos estudos de Bosi (1994). O processo investigativo teve como recorte de tempo entre primeiro e segundo semestre de 2018. Logo, a amostragem dessa investigação, centra-se nos professores do turno vespertino de uma escola municipal de Itapetinga, processo que nos levou a optar pela abordagem qualitativa e dentro dessa, como recurso metodológico trazer a memória, pela possibilidade de apreender e revelar a realidade do agora e de outrora do curso de Pedagogia. Assim, a luz da teoria e da metodologia, como resultado, verificamos na memória dos egressos uma importância dada ao curso de pedagogia, cuja diferença na formação dos professores alcança os alunos que estão inseridos dentro das escolas espalhadas pela cidade.

**Palavras-chave:** Memória. Pedagogia. Egressos

### Introdução

Essa pesquisa parte de nosso objeto de estudo sobre as memórias dos egressos do curso de pedagogia. Durante a trajetória de investigação, buscamos as reflexões acerca do trabalho pedagógico e sua relação com a constituição do fazer educativo junto aos professores de uma escola do ensino fundamental (anos iniciais) da cidade de Itapetinga-Bahia. Sendo

<sup>1</sup>Graduanda do Curso em Pedagogia pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB). E-mail: leticiavitoria65\_@hotmail.com

<sup>2</sup>Graduanda do Curso em Pedagogia pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB). Email:ana.fernandes3473@gmail.com

<sup>3</sup> Doutora em Ciências Sociais – com Área de Concentração em Sociologia – pela Pontifícia, Universidade Católica de São Paulo (PUC/SP); Professora de Políticas Públicas e Legislação Educacional da Universidade Estadual de Santa Cruz (UESC). Orientadora da Pesquisa e artigo em referência. E-mail. jussamoreira@oi.com.br.

assim, compreender a dimensão que o curso de pedagogia adquiriu dentro da cidade, somente foi possível no campo empírico, a partir da vivência trazida pelas disciplinas dos Estágios em Populações Diferenciadas e Gestão em Educação.

Sobre esse aspecto, cabe ainda informar que, essa pesquisa/experiência foi realizada como Trabalho de conclusão de Curso em Pedagogia da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB) - Campus de Itapetinga. Como esse foi um trabalho que trouxe a teoria sobre a memória, concordamos com Tanis (1995, p. 63), mesmo fugindo de nosso direcionamento do campo social e chegando as questões psicológicas, quando afirma que: “a memória guarda a capacidade de resgatar o tempo da história. Não como tempo passado, mas como tempo escrito nas entranhas do atual”. Além disso, a memória nunca é somente aquela do indivíduo, mas a de um indivíduo inserido num contexto familiar, social, nacional, enfim em qualquer vivência da vida cotidiana (ARRUDA, 1999; MOREIRA, 2009; BOSI, 1994).

Foi a partir das leituras e problemática levantada que, por objetivo geral se anseia: conhecer as memórias dos professores acerca do curso de pedagogia e a sua influência/ou/não dentro das suas práticas pedagógicas. Como o objeto de investigação está diretamente vinculado a nossa própria memória do curso dentro de Itapetinga, o interesse pelo tema, nasceu antes mesmo de adentrar a Universidade, como pode ser visto nas considerações finais desse artigo. Deste modo, a escolha em trabalhar a partir das narrativas das memórias dos docentes não foi casual, pois se constituiu no decorrer da nossa formação dentro do curso citado.

No sentido de buscar as falas dos professores egressos do curso, em suas memórias, aspiramos especificamente: conhecer teoricamente o conceito de memória e analisar dentro da perspectiva teórica as memórias dos egressos do curso de pedagogia. Assim, o transcurso do processo investigativo teve como recorte de tempo entre o primeiro semestre e o segundo de 2018. Esclarecemos que nesse período conhecemos, observamos e desenvolvemos a nossa pesquisa empírica que ocorreu dentro de uma escola do ensino fundamental (anos iniciais), situada na cidade de Itapetinga-BA, cuja designação é vinculada a Rede Municipal de Ensino

Logo, a amostragem dessa investigação, centra-se nos professores do turno vespertino da referida escola, cenário onde realizamos os estágios supracitados. Optamos então, como meio para se caminhar por essa pesquisa, pela abordagem qualitativa, pois como mostra Chizzotti (1996), ela é diferente de estudos quantificáveis. Dentro da pesquisa qualitativa, utilizamos como recurso metodológico a memória, pois como nos mostrou Bosi

(1994), a memória, além de ser um recurso teórico, também é um recurso *sine qua nom* para apreender uma realidade. Isso exigiu dessa pesquisadora, como alerta Bosí (1994), ser uma escutadora infinita, somente assim, podemos compreender que, acima de tudo, deve estar sempre disposta a ouvir os enredos, cujos personagens revelam as suas trajetórias. Dessa maneira, como uma observadora participante no processo do estágio, através das rodas de conversa, fomos colhendo as memórias e registrando entre o passado e o presente, o vivenciado pelos professores, mas também pela cidade de Itapetinga.

Com isso, justificamos que a importância de investigação está direcionada a conhecer a memória do curso de Pedagogia em seus trinta anos de existência em Itapetinga. Por essa razão, pressupomos que a memória possibilita situar a forma na qual os recordadores apresentam o sentido das suas experiências. Nesse processo, como sujeito também da investigação, essa pesquisadora parte do ponto de vista que, a participação dentro do curso de Pedagogia, possibilitou, ao nosso olhar, desenvolver a reflexão, a autocrítica, uma vez que, o ato de (re)lembrar é dialógico entre o arquitetado e o que está em constituição (BOSI, 1994).

Assim, estruturamos as nossas análises, em primeiro lugar, ora já demonstrado, quando falamos sobre o nosso objeto de investigação, problemática objetivo e percurso metodológico. Em seguida trazemos o conceito de memória; nossas experiências dentro da pesquisa realizada; e, uma reflexão sobre as memórias acerca do curso de pedagogia. Finalmente apresentamos as nossas considerações finais, onde mostramos a memória dos egressos e uma importância dada ao curso de pedagogia, como base para a formação dos professores de Itapetinga-Bahia.

## **O Conceito de Memória**

Quando pensamos em memórias, logo remetemos o pensamento ao ato de guardar ideias, lembranças e o conhecimento adquirido ao longo das vidas. As memórias fazem de nós aquilo que somos e podemos ser. A memória representa o passado, mas também o presente, sendo lembrança e pensamento é diferente da história, pois é sempre viva! A cada lembrança recordada ou esquecida faz com que sejamos sujeitos únicos e ao mesmo tempo coletivos. Uma vez que, duas pessoas vivenciam a mesma situação, a forma como esse momento será armazenado será distinta, mas existirá em ambas as consciências do vivenciado (ARRUDA, 1999; MOREIRA, 2009).

No entanto, a “memória é também um objeto da história e, portanto, a periodização operada pela memória deve ser levada em conta nas explicações das mudanças significativas” (ARRUDA, 1999, p. 129). No sentido primeiro da expressão é a presença do passado, mas sem abandonar o dia presente. A memória é uma construção psíquica e intelectual que acarreta de fato uma representação seletiva do passado, trazendo sempre esse para o momento vivido. Por isso a memória nunca é somente aquela do indivíduo, mas de um indivíduo inserido num contexto familiar, social, nacional (BOSI, 1994).

A ideia do estudo da memória dentro do campo das ciências sociais e humanas nasceu dos estudos de Maurice Halbwachs (2006), quando fez a sua pesquisa sobre as memórias coletivas. Halbwachs (2006) traz o conhecimento sob o ponto de vista do movimento positivista, configurado na força do saber científico que acredita apenas nos dados quantificáveis. Entretanto o estudo de Halbwachs (2006), transpõe a barreira da cientificidade dura e acaba chegando as pesquisas e análises qualitativas (MOREIRA, 2016).

“Cada memória individual é um ponto de vista sobre a memória coletiva, que este ponto de vista, muda segundo o lugar que ali eu ocupo, e que este mesmo lugar muda segundo as relações que mantenho com outros ambientes” (HALBWACHS, 2006, p. 69). Logo, a memória se relaciona de maneira sistemática com os grupos sociais, por isso toda memória é coletiva. Sendo assim, podemos concluir que, toda lembrança, será sempre coletiva; não tendo como separar a memória individual de uma construção social. Nesse sentido qual é a memória coletiva na cidade de Itapetinga acerca do curso de Pedagogia?

Sem uma resposta nesse momento de estudo, acreditamos que para saber é preciso lançar um olhar reflexivo sobre as memórias e as lembranças dos professores da cidade, para a partir daí, trilharmos pelas relações entre o curso de Pedagogia e a memória dele construída pelos educadores. Por enquanto trazemos uma reflexão a partir de Le Goff (1990, p. 423), quando faz ver que a memória, “remete-nos em primeiro lugar a um conjunto de funções psíquicas, graças às quais o homem pode atualizar impressões ou informações passadas, ou que ele representa como passadas” (p.423). Mediante a definição de memória como uma propriedade humana de guardar informações, seguimos para a nossa experiência com a pesquisa.

### **Nossas experiências dentro da pesquisa realizada**

A pesquisa foi realizada no período diurno de uma escola da Rede Municipal de Educação da cidade de Itapetinga adveio através da abordagem qualitativa, já que, sua forma

de estudo se centra no contorno no qual, as pessoas dão sentido as suas experiências e ao mundo em que elas vivem, buscando conhecer/interpretar/compreender as realidades sociais de cada recordador, atentamos também para o fato que,

[...] a abordagem qualitativa parte do fundamento de que há uma relação dinâmica entre o mundo real e o sujeito, uma interdependência viva entre o sujeito e o objeto, um vínculo indissociável entre o mundo objetivo e a subjetividade do sujeito. O conhecimento não se reduz a um rol de dados isolados, conectados por uma teoria explicativa; o sujeito-observador é parte integrante do processo de conhecimento e interpreta os fenômenos atribuindo-lhes um significado (CHIZZOTTI 1996, p. 79).

Ainda conforme Chizzotti (1996, p. 79), o pesquisador será um “ativo descobridor do significado das ações e das relações que se ocultam nas estruturas sociais”, “parte fundamental da pesquisa, onde a mesma “não pode ser o produto de um observador postado fora das significações que os indivíduos atribuem aos seus atos; deve, pelo contrário, ser o desvelamento do sentido social que os indivíduos constroem em suas interações cotidianas”. Assim, a pesquisa será um processo de formação, ação e reflexão para a prática docente.

Das técnicas usadas pela pesquisa qualitativa, Chizzotti (1996) chama atenção para a ética de quem faz a observação participante, devendo sempre mostrar ao grupo o desejo de investigar um objeto; ainda fala sobre o cuidado que deve ser destinado as análises de conteúdo, nos relatos de vidas e ou nos recolhimentos das memórias. etc., entre essas, escolhemos usar os relatos de vidas, transformadas em memórias que nos foram contadas em rodas de conversa.

As rodas de conversa apresentam uma proposta de construção e a reconstrução da realidade, por meio do ato educativo reflexivo, que acontece tanto por meio da fala e da escuta, quanto por meio da discussão e da participação (AFONSO & ABADE 2015, p. 19)

Durante a nossa coleta de dados, as memórias foram trazidas dentre as rodas de conversa, de onde originava um rico debate acerca dos problemas e dificuldades pessoais e coletivos enfrentadas pelos nossos recordadores. O recolhimento dessas memórias aconteceu entre os meses de junho a setembro de 2018; cabe alertar que foram aplicados diagnósticos com a direção, coordenação, educadores (esses foram feitos pessoalmente), pais, alunos e funcionários. Momento no qual ficou acertado entre pesquisadora e pesquisados que não haveriam as divulgações das identidades reais da escola ou de seus atores. Logo, visando preservar essas identificações estabeleceremos nomes fictícios para a escola e para os nossos recordadores.

Assim informamos que a Escola foi nomeada como “Cocha com Muitos Retalhos” e os seis (06) Professores que tiveram os relatos expostos nessa pesquisa são tratados por nomes de Tecidos (ou popularmente conhecido no Nordeste como pano). Ainda devemos esclarecer que, as memórias de nossos recordadores estarão dispostas no texto com recuo, fonte tamanho dez (10) e em itálico, isso para evitar a confusão dos leitores com outras citações efetuadas.

A Escola Cocha com Muitos Retalhos é considerada de médio porte, tem seis (6) salas de aula, sendo assim distribuída: uma sala para o reforço escolar, uma sala ainda sendo arrumada (2018) que será de informática, uma secretaria, um pátio que serve para a recreação dos alunos. No entanto, não tem sala de professores que, na hora do intervalo, utilizam a sala de reforço escolar. A merenda escolar é servida dentro das salas de aula, que por sua vez, têm algumas extremamente apertadas e com o número excessivo de alunos. A proximidade entre esses aumenta o calor trazendo um agitação constante dos mesmos. Como pode ser observado não própria exposição do diagnóstico da Cocha com Muitos Retalhos é uma escola que não possui refeitório, o que impede a interação entre os alunos na hora da merenda.

A história do prédio escolar Cocha com Muitos Retalhos de acordo com Araújo (2008, p. 136); iniciou em 1980 através da portaria 12.306 de 1980, publicada no Diário Oficial em 09 de outubro de 1981. Era naquele período mantida financeiramente pelo poder estadual. No entanto, com a municipalização do ensino fundamental, o:

[...] prefeito municipal de Itapetinga homologou a transferência da entidade mantenedora, através da portaria n. 10.802/99 e publicou no Diário Oficial de 31 de dezembro de 1999. Por meio do Decreto 2.353/ 01 de 09 de julho de 2001, oficializou-se as escolas públicas de ensino fundamental, que antes eram integradas à rede estadual e que foram municipalizadas. Este Decreto entrou em vigor a partir do dia 02 de janeiro de 2001. A partir da municipalização, estabeleceu-se como competência do poder executivo municipal decidir sobre as escolas (ARAÚJO 2008, p.136).

Ainda segundo Araújo, foi acoplado a escola mais um prédio que antes também era do Estado da Bahia. ”houve uma particularidade no processo da municipalização nessa escola, que foi a aglutinação de duas unidades escolares: [...], transformando-se em apenas em uma escola” (2008, p.141). Isso ocorreu devido ao decreto 7.254/98, no seu art.1º, que tinha como objetivo criar uma parceria entre a esfera estadual e municipal (ARAÚJO, 2008). A meta era:

[...] assegurar a universalidade do ensino fundamental obrigatório e gratuito com qualidade. No seu art.2º consta que para consecução dos objetivos previstos neste Decreto, o 142 Estado celebraria convênios com o município interessado, observados as peculiaridades locais e regionais, a capacidade

técnica e administrativo-financeiros do município, além da disponibilidade dos recursos financeiros envolvidos. (ARAÚJO 2008, p.141).

Assim, atualmente a Escola Cocha com muitos Retalhos é administrada e mantida pela Secretaria Municipal de Educação do Município de Itapetinga. Possuindo em suas dependências a Unidade Executora (UEX) para definir o destino das verbas recebidas anualmente. Sobre o seu entorno, O Coordenador Linho (nome fictício) nos relata que:

*A população da escola vem de baixa renda, atendidas em sua maioria por programas sociais, sua população escolar é em torno de trezentos e setenta e quatro (374) alunos nos dois turnos [...] Já para aqueles que não conhece a escola de perto tem sempre uma ideia errônea de sua qualidade (LINHO, 2018)<sup>4</sup>.*

A professora Renda (nome fictício) é diretora da escola desde 2017, e nos afirmou que: *“O espaço educacional possui o projeto político pedagógico (PPP), mas que precisa ser revisado” (RENDA, 2018)<sup>5</sup>.* Assim não pudemos manusear o PPP da escola. Sobre a Professora Renda cabe ainda informar que, também é formada em Pedagogia, mas fez o seu curso em uma instituição particular. Está como gestora do colégio a dois (2) anos. Renda narra ainda que os professores da escola são criativos e dedicados a profissão e *“são mantidos pela prefeitura Municipal de Itapetinga e tem bom conceito em toda comunidade a sua volta” (RENDA, 2018).*

Sobre esses dois posicionamentos, concordamos com a posição do coordenador Linho, pois, realmente antes de adentrar a escola, tinha uma visão distorcida da sua comunidade escolar. No entanto, após os trabalhos efetuados transformamos as nossas impressões, considerando, principalmente as práticas pedagógicas desenvolvidas pelos educadores dessa escola. E por falar nesses educadores, cabe relatar dos seis (6) professores investigados, cinco (5) possuem o curso Superior, onde quatro (4) são oriundos do curso de Pedagogia da UESB-Campus de Itapetinga, uma (1) professora que possui o Magistério em Nível médio e uma (1) professora que fez o curso na Universidade Estadual de Santa Cruz -UESC; além deles ainda estava nesse grupo uma professora e seis estudantes do Curso de Pedagogia da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia.

Assim, como amostragem trazemos a discussão dos seis (6) professores que, para compor a nossa pesquisa efetuada dentro da Cocha com muitos Retalhos, serão chamados por nomes de tecidos. Mas porque um nome que envolve uma cocha de retalhos e memórias? Nos contou certa vez uma professora, que assistiu a um filme onde havia em torno da costura de

<sup>4</sup>Memória recolhida por essa pesquisadora em entre os meses de agosto a setembro de 2018.

<sup>5</sup>Memória recolhida por essa pesquisadora em entre os meses de agosto a setembro de 2018.

uma cocha as recordações vividas e ainda vivas das pessoas que desenvolviam a atividade. Como essa pesquisa envolve a memória, originou desse relato os nomes por nós batizados.

### **Uma reflexão sobre as memórias acerca do curso de pedagogia**

O curso de pedagogia em sua prática educativa forma um conjunto de ações, processos de influências e estruturas que intervêm no desenvolvimento da cidade de Itapetinga, pois são pessoas que vivem e moram na cidade, diferente do quadro de outros cursos ofertado pela instituição, como podemos analisar na pesquisa de Moreira (2009), quando de 1997 a 2008 faz o levantamento de dados e demonstra que enquanto os Cursos de Zootecnia, Engenharia, Biologia possuíam em seus quadros discentes de outras localidades, o curso de Pedagogia ao contrário, tinha em sua maioria as suas matrículas e finalizações de pessoas da cidade.

O mesmo fato repetiu dez (10) anos depois, quando elaboramos o nosso quadro acerca dos egressos do *Campus* de Itapetinga, ali encontramos também, através de uma análise dos endereços desses egressos, junto a secretaria de cursos do *Campus* de Itapetinga que, existia um número maior de formandos em Pedagogia, onde a grande maioria fica dentro da região.

Sobre esse aspecto, uma das decorrências desses dois quadros, são de pessoas fazendo um curso voltado para a educação e ficando na cidade, com isso não se pode negar que existe uma melhoria para o desenvolvimento da qualidade educacional de Itapetinga. Afinal as efetivações produzidas pela UESB, a partir do curso de Pedagogia, para as “diferentes escolas existentes em Itapetinga, convergem, cada uma a sua maneira, para um ponto em comum [a melhoria da] prática educativa” (MOREIRA, 2009, p.97).

No entanto, ainda cabe uma visão crítica sobre essa formação, pelo fato, segundo Moreira (2009), ainda ser esse um curso muito mais prático do que teórico. Como assim? Porquê Moreira (2009) afirma ter mais prática do que teoria? Quando ouvimos no curso, os nossos colegas geralmente criticando que, o “Curso é mais teórico do que prático”. Ponto esse que foi convergente com os discursos dos professores que fizeram parte de nossa investigação ao qual destacamos algumas falas:

*Pena que o curso me deu uma grande base teórica, mas não me preparou para a prática” (ALGODÃO, 2018)<sup>6</sup>.*

*Aprendi muito mesmo no curso de Pedagogia, mas o que me mostrou o que era ser professor foi o chão da escola” (CREPE, 2018).<sup>7</sup>*

<sup>6</sup>Memória recolhida por essa pesquisadora em 26 de setembro de 2018.



Sobre esse aspecto Moreira (2009), justifica que:

A UESB, [sobretudo, o curso de pedagogia é um espaço] onde se “treinam” os sujeitos para a aquisição de uma postura e uma disposição que vai ser ocupada na realidade dos grupos sociais. Disposições vistas como necessárias” pelos nossos entrevistados, demonstrando na realidade o porquê de socialmente existir a priorização para às atividades intelectuais. A educação escolar sendo tão imperativa à vida humana (p.97).

Assim, existe a falta de uma formação de base teórica voltada para a pesquisa, exigida como condição para formar o sujeito investigador e não, aquele que apenas reproduz teorias, muitas vezes desconexas com a realidade vivenciada. Em outras palavras, o curso de pedagogia peca por ser mais prático do que teórico, pois ainda, apenas faz com que os alunos reproduzam em formas de discursos as teorias de outros que foram aprendidas. Com isso ainda não rompeu, ou pelo menos minimizou através da pesquisa “as “diferenças e as condições sociais” na cidade.

Isso significa, que se por um lado, desenvolveu na realidade prática um aumento de uma formação dos professores trazendo uma qualificação educacional para a cidade de Itapetinga, por outro lado, ainda é um curso que tem um currículo muito mais prático do que teórico, pois, “reproduz sob uma forma transformada as hierarquias do mundo social. Opera então, sobre as divisões de acordo com os níveis correspondentes dos estratos sociais, são as especialidades e disciplinas que refletem ao infinito as “divisões sociais”, o que confirmaria a “oposição entre a prática, e a teoria” que transforma a “aparência de neutralidade” e as “classificações sociais” em classificações escolares (MOREIRA, 2009, p.97).

No entanto, mesmo diante dessa crítica ao modelo do curso de pedagogia, ainda podemos acreditar que ele dentro da Região trouxe as dignidades escolares refletidas, como mostra Moreira (2009) na “dignidade humana”. Tal fato foi colocada na expressão de um recordador de Moreira (2009) quando alertou que “A UESB [através do curso de Pedagogia] representa aqui nessa região que muitos (como meu bisneto) possam estudar, e não passar a vergonha que sinto [...] junto com minha filha” (p.97).

---

<sup>7</sup>Memória recolhida por essa pesquisadora em 26 de setembro de 2018.

Nesse sentido, o curso de Pedagogia mesmo sendo sob o ponto de vista, como narra à autora de uma “cultura dominante”, na cidade de Itapetinga trouxe a “mediação didática” do saber fazer, pois,

[...] 60% dos meus depoentes (tanto dos representantes individuais como coletivos), acreditam que a “intervenção educativa da UESB”, [sobretudo do curso de pedagogia] além de “transformar a prática escolar da cidade”, ainda propiciou “uma elevação do nível intelectual”, o que conduziu “a ascensão social de seus moradores” (MOREIRA, 2009, p.97).

Partindo desse ponto de vista acreditamos que houve toda uma modificação da história cultural em Itapetinga, tal verificação, também vem na forma dos depoimentos de nossa Cocha com muitos Retalhos, quando Seda (que só fez o antigo magistério) nos relatou:

*Estou muito cansada na minha profissão, mas gostaria de relatar que a minha maior vontade era ter feito o curso de Pedagogia, depois fiquei pensando para que? Se sabia fazer tudo como minhas colegas? Mas nesses dias de formação com vocês, mesmo que a princípio não queria fazer, vejo as diferenças nessas trocas de experiências aqui mostradas. Nunca soube o que era o MST [Movimento dos Sem Terra] e tinha muitas ideias de não gostar, nunca acreditei nessa coisa de invisibilidade das pessoas, pensava que quando alguém queria fazia, ou mesmo tive uma visão crítica sobre uma prova de larga escala. Aprendi nesses dias mais do que em trinta (30) anos de profissão. Digo isso, porque eu mesmo fui invisível. Para estudar vim da roça, meu pai veio. Assim, pude estudar, lembro da nossa pobreza, como era difícil, mesmo assim, estudamos tudo com muito sacrifício [...]. Fico analisando como minha vida como profissional, teria sido diferente se tivesse como elas participando da Universidade. Agora percebo que tem uma influência significativa um curso superior no fazer das práticas pedagógicas. Fazer o arroz com feijão, sempre fiz, mas ter uma visão crítica disso, jamais. Agora entendo que a Universidade traz sim uma modificação cultural (SEDA, 2018)<sup>8</sup>.*

Com esse depoimento, sobretudo na frase: “[...]. Fico analisando como minha vida como profissional, teria sido diferente se tivesse como elas participando da Universidade”; percebemos então, na fala da nossa recordadora, o quanto a teoria obtida através do curso de pedagogia fez falta em seu percurso profissional, afirmando assim a importância da formação inicial.

A falta dessa formação inicial superior, em um curso de Pedagogia, Seda só percebeu após trinta (30) anos de profissão, pois segundo o seu depoimento, somente, durante o curso de formação de professores realizado por nós no primeiro semestre de 2018, através dos estágios, foi que tomou consciência reflexiva o tanto que faria diferença em seu fazer pedagógico se tivesse estudado em um curso superior.

<sup>8</sup> Memória recolhida por essa pesquisadora em 26 de setembro de 2018.

Percebemos também por esse relato, que foi consentido pelos outros professores que, a prática pedagógica em sala de aula está muito atrelada ao conhecimento recebido dentro do curso. Com isso, finalmente mostramos a importância do curso de Pedagogia em Itapetinga. Preposição que fica clara na fala de Cambraia quando diz:

*A vinda do curso de pedagogia aqui pra cidade, foi uma melhoria muito grande, antes do curso de pedagogia, o professor só tinha magistério, de lá pra cá, todos os professores tem nível superior, isso reflete diretamente em nossa prática pedagógica (2018)<sup>9</sup>.*

Concordando com Cambraia, trazemos mais uma declaração de Moreira (2009) quando afirma que:

A UESB - Campus de Itapetinga, como mecanismo de interação entre a cidade e a universidade, ofertou o “Curso de Pedagogia” em convênio com a Prefeitura Municipal de Itapetinga para a formação específica dos professores deste município (p.65).

Verificamos então, que o foi o Curso de Pedagogia dentro da cidade que permitiu fazer cumprir o que havia sido decretado pela LDB (Lei 9394 de 1996), quando trouxe o critério que para atuar na educação infantil e ou ensino fundamental, o professor deveria ter, no mínimo, uma formação superior inicial. Assim, através dessas narrativas chegamos finalmente a importância do curso de pedagogia que, mesmo diante de críticas, tem feito diferença na formação das pessoas e com isso chegado aos alunos que estão inseridos dentro das escolas, trazendo assim, uma contribuição significativa ao município de Itapetinga, tanto no âmbito financeiro quanto no social.

### **Considerações Finais**

Esse trabalho chega ao fim, com algumas considerações, muitas reflexões e um questionamento. Antes de chegar a esse ponto, gostaríamos de trazer também a nossa memória. Ser pedagoga, torna-se algo mais próximo da minha realidade e memórias, pois em meio as formalidades que a Universidade exige para obtenção do diploma, além dos oito (8) semestres de aulas, aqui apresento a elaboração de nosso Trabalho de Conclusão de Curso, (TCC).

---

<sup>9</sup> Memória recolhida por essa pesquisadora em 26 de setembro de 2018

No entanto, a partir de minha vivência no curso, comecei a sentir mudanças significativas em minha vida e em meus pensamentos. Fui aos poucos tornando-me reflexiva, enfim, pedagoga. Redescobrir, como mulher, negra, mãe, esposa e profissional, mas principalmente, como pessoa, como educadora. E foi diante dessa transformação sentida na própria pele e memória que, surgiu o interesse em desenvolver uma pesquisa sobre a memória do curso de Pedagogia da UESB em Itapetinga.

Após ter passado oito (08) semestres dentro do curso de Pedagogia, finalmente compreendemos o que canta Lulu Santos: "[...] nada do que foi será de novo do jeito que já foi um dia". Ou seja, a memória deixa marcas, essas marcas compõem nossa cocha com muitos retalhos (uma referência ao nome da escola e das várias memórias encontradas), traduzidos aqui pelos nomes de tecidos ao quais foram denominados nossos recordadores. Do mesmo modo, aqui encontramos as memórias revelando a realidade exata do agora e de outrora do curso de Pedagogia.

Após o processo da pesquisa que incluiu a realização dos estágios, definições metodológicas, coleta e análises de dados, considero que essa experiência foi uma oportunidade, para através das memórias, sempre coletivas, compreender que o curso de Pedagogia, mesmo diante de críticas, ainda é muito acreditando, sobretudo pelos educadores.

Além disso, essa pesquisa permitiu entrar em contato com os meus próprios medos e angústias como profissional da educação. Valores pessoais e sociais, que cotidianamente passavam despercebidos, ganharam uma nova possibilidade de sentido ao meu olhar. Alguns dos recordadores traziam nas memórias, momentos de dificuldades vividos dentro da Universidade e/ou da vida profissional, os depoimentos suscitaram uma sensibilidade antes nunca experienciada. Esse sentimento reforçou o encantamento pela profissão do professor. Enfim, tornou um momento de lembranças coletivas; não tendo como separar a memória individual de uma construção social. Nas palavras de uma das nossas recordadoras:

*Sempre comentamos com os colegas os momentos que vivemos com essa equipe (referindo-se a equipe de professora e alunos da UESB), foram momentos mágicos vividos essa semana, nunca tivemos um curso de formação tão bom quanto esse. Às vezes ficamos nos corredores da escola, lembrando cada coisa vivida neste estágio que, marcou minha vida como profissional e pessoal (Lã, 2018)<sup>10</sup>.*

Logo, a pesquisa nos proporcionou um crescimento acadêmico, através dela, tivemos contato com as teorias que, não apenas responderam as indagações, mas levaram a muitas

<sup>10</sup> Memória recolhida por essa pesquisadora em doze (12) de fevereiro de 2019.

outras reflexões de como a educação pode ser vivenciada. Sinto que muitos pedagogos terminam o curso sem construir um conceito para educação, sem conhecer a memória do curso do qual é membro, sem envolver-se. Para esse caso, ficamos a nos questionar, que tipo de memórias esse indivíduo carregará consigo para mais tarde executar a tarefa de educador?

## Referências

ARAUJO, Jaqueline Nunes. **O processo de municipalização Ensino fundamental em Itapetinga-BA**, 2008 141 f. (Mestrado em Educação) - Universidade Estadual de Campinas, 2008.

ARRUDA, Gilmar. Cidades e Sertões: o Historiador Entre a história e a Memória. In. Projeto História: Campo/Cidade. **Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em História** e do Departamento de História da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Nº. 19. São Paulo. EDUC: 1999, p, 121-143

BOSI, Ecléa. **Memória e Sociedade: Lembranças de Velhos**, 3. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

BRASIL. **Lei de Diretrizes e Base da Educação Nacional** 1996. Disponível em: [http://www.pr.gov.br/portals/portal/institucional//def\\_salas\\_apoio.php](http://www.pr.gov.br/portals/portal/institucional//def_salas_apoio.php)). Acessado em: 18 de dezembro de 2018.

\_\_\_\_\_. **Constituição Federal de 1988**, disponível em: <http://www.planalto.gov.br>. Acessado em 15 de janeiro de 2019.

CHIZZOTTI, Antônio. Pesquisa qualitativa. In: **Pesquisa em Ciências Humanas e Sociais**. São Paulo: Cortez, 1996.

HALBWACHS, M. **A memória coletiva**. Trad. Beatriz Sidou. São Paulo: Centauro, 2006.

LE GOFF, Jacques. Memória. In: LE GOFF, Jacques. **História e Memória**. 5 ed. Campinas: Editora da UNICAMP, 2003. p. 419-476.

MOREIRA, Jussara Tânia Silva. **Representação dos moradores da cidade de Itapetinga sobre a Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia – UESB: a construção de um olhar**. 2009 173 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2009.

\_\_\_\_\_. **A IGREJA E A PRAÇA: Os Batistas da Cidade de Itapetinga (1938-2013)**. 2016 302 f. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) – Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2016.

TANIS, Bernardo. (1995). **Memória e temporalidade: sobre o infantil na psicanálise**. São Paulo: Casa do psicólogo, 1995.

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO SUDOESTE DA BAHIA: **Projeto Político Pedagógico de Pedagogia**. Colegiado do Curso de Pedagogia Itapetinga.01 de 15 de maio de 2006.